

PROJETOS E REFLEXÕES DA EQUIPE MÁRIO DE ANDRADE

TELÊ ANCONA LOPEZ
EQUIPE MÁRIO DE ANDRADE
I E B / U S P

RESUMO

Apresentação das principais linhas de pesquisa, das reflexões e da metodologia desenvolvidas pela Equipe Mário de Andrade do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. As quatro frentes de trabalho – Marginália e biblioteca, Manuscritos do escritor, Preparo de edições genéticas, críticas e fidedignas de textos de Mário de Andrade e Arquivos da criação em sua correspondência – envolvem o arquivo e a biblioteca desse importante nome de nosso modernismo e podem buscar subsídios na coleção de arte por ele reunida.

RESUMÉ

Présentation des principales lignes de recherche, des cogitations et de la méthodologie développées dans l'Equipe Mário de Andrade à l'Institut des Études Brésiliens de l'Université de São Paulo. Ces quatre fronts de travail – Marginalia et bibliothèque, Manuscrits de

l'écrivain, Préparations des éditions génétiques, critiques et fidèles des textes de Mário de Andrade et Archives de la création dans sa correspondance – portent sur les archives, la bibliothèque et la collection d'objets d'art de ce important nom du modernisme brésilien.

ABSTRACT

Presentation of the main lines of research, reflexions and the methodology developed by the Mário de Andrade Team of the Institut of Brazilian Studies of the University of São Paulo. The four great subjects the team is dedicated to – Marginalia and library, The writer's manuscripts, Preparation of genetic, critic and annotated editions, Archives of creation in his correspondence – involve the archives, the library and the art collection of this important name of our modernism.

Nesta mesa-redonda que deve reportar o trabalho na esfera da crítica genética desenvolvido em centros de pesquisa brasileiros, quero apresentar quatro frentes que vêm ocupando a Equipe Mário de Andrade no acervo do escritor no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, em projetos sob minha coordenação.

Essa instituição interdisciplinar de pesquisa e ensino possui um rico acervo, constituído de arquivos, bibliotecas e coleções de arte, que revelam, em seus materiais, a marca de nomes de capital importância na cultura brasileira no século XX, como os escritores Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa; o educador Fernando de Azevedo ou o geógrafo Pierre Monbeig. No IEB-USP, os docentes formam suas equipes e põem em prática projetos que tanto visam à organização, como à exploração de arquivos. Abordo aqui os projetos da Equipe Mário de Andrade sob a minha responsabilidade, composta de sete estagiários, alunos matriculados nos cursos de graduação e de pós-graduação da área de Literatura Brasileira da FFLCH-USP, equipe na qual trabalho também, diretamente.

Mário de Andrade, considerado o pai da moderna cultura brasileira, foi, pode-se dizer sem risco de redundância, um polígrafo

de raro talento. Poeta, ficcionista de peso, homem de jornal na crônica, assim como na crítica de artes plásticas, música e cinema, musicólogo, historiador da arte com incursões pela estética, correspondente fértil dialogando com as figuras mais importantes do campo cultural de seu tempo, pesquisador do folclore, intelectual brasileiro ligado à prática da democratização em projetos culturais e educacionais renovadores, mormente quando dirigiu o Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, professor, figura de proa no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, fotógrafo, Mário, que viveu entre 1893 e 1945, pôde não apenas firmar nosso modernismo, mas, moderno, transcendê-lo e superá-lo em sua obra.

No IEB, a Equipe Mário de Andrade vem, portanto, dedicando-se a quatro frentes que implicam quatro linhas de pesquisa envolvendo o arquivo e a biblioteca do escritor, além de tocar, muitas vezes, a coleção de arte por ele reunida. Essas linhas de pesquisa são: Marginália e biblioteca, Manuscritos do escritor, Preparo de edições genéticas, críticas e fidedignas de textos desse escritor e Arquivos da criação em sua correspondência.

A linha de pesquisa Marginália de Mário de Andrade já fora, entre 1963 e 1968, objeto de um primeiro registro, em projeto pioneiro sob a responsabilidade do prof. Antonio Candido de Mello e Souza. Esse projeto, do qual participei como uma das três estagiárias, rendeu, em 1967, as dissertações de mestrado de Maria Helena Grembecki, Nites Feres e a minha. Assim, reconstituímos passos da leitura e recuperamos as anotações de margem do punho do escritor em determinados autores franceses, na revista *L'Esprit Nouveau* e em obras que abordaram o sentimento amoroso na poesia popular brasileira. Mais tarde, eu própria detectei, nas notas marginais de Mário nos "Tableaux parisiens" de Baudelaire e no lendário indígena veiculado por Koch-Grünberg em *Vom Roroima zum Orinoco*, matrizes do poeta de *Paulicéia desvairada* e do romancista de *Macunaíma*, apresentando-as nos estudos "Riqueza de pobre" e "Makunaíma/Macunaíma",¹ bem como em cursos na

1. Publicados respectivamente em *Os pobres da Literatura brasileira*, coletânea de Roberto Schwartz, e na edição crítica de *Macunaíma* por mim coordenada na Coleção Archivos.

área de Literatura Brasileira da FFLCH-USP. Exemplificando rapidamente: o lápis preto que sublinha o título “Crépuscule du soir”, na p. 273 da edição prefaciada por Th. Gauthier (Calmann-Lévy, s.d.), determinados versos de “Noturno”, como “Luzes do Cambuci pelas noites de crime...” ou “Calor!... Os diabos andam no ar” ou, ainda, o uso da metáfora “uma flor do mal” para figurar a prostituta, remetem-nos a “Voici le soir charmant, ami du criminel” e aos “démons malsains” de Baudelaire. Mas, em vez de manifestar compaixão por aqueles que pertencem à rua, o poeta brasileiro, iluminado pelo expressionismo, inveja os homens e mulheres da noite, livres em sua sexualidade.

Atualmente, nossa pesquisa no IEB explora as duas vertentes formadoras da vasta marginália do escritor: as notas marginais, em geral a lápis preto, nas páginas da maior parte dos livros e revistas de sua biblioteca de 17 mil títulos e as notas apenas a mais ou menos 1% dos volumes. O registro e a análise dessas anotações, vinculados, sempre que possível, à obra do poeta, do ficcionista e do ensaísta, praticados hoje em dois projetos – o que se liga à marginália apenas e o que pretende a formação do dossiê Expressionismo –, ao lado de indagações nascidas em projetos nas outras linhas de pesquisa citadas, que com esta se cruzam na complexa rede de um arquivo e de um acervo, têm nos levado a reflexões de cunho teórico sobre as relações de um escritor com os textos em sua biblioteca. Assim, nas duas vertentes da marginália de Mário de Andrade, distinguimos dois pólos: as matrizes que se impõem diretamente nos itinerários da criação literária, responsáveis por temas e motivos, personagens, espaços etc. e o armazém da criação, isto é, o estoque de informações dizendo respeito a constantes do interesse do escritor, até mesmo a obsessões, encontradas e assinaladas fortuitamente no curso de uma leitura, ou a complementos, na busca proposital de matéria para suprir necessidades do trabalho durante a criação, sobretudo no caso de ensaios ou pesquisas de largo alento, como o *Dicionário musical brasileiro*, *Enciclopédia brasileira* ou o *Seqüestro da dona ausente*. Notas de ambos os tipos prendem-se, pois, ao universo da transcrição ou da apropriação e, ao se inserirem em trajetos da escritura, conferem ao objeto livro dupla natureza documental: a

de texto impresso participante de uma biblioteca e a de manuscrito. Recolhendo e transformando matéria alheia no curso das leituras, o escritor assemelha-se ao “bricoleur”.

Jacques Neefs liga a ocupação das margens – no livro e no manuscrito – à tradição medieval do comentário, podendo integrar à página, de forma visível, a glosa. Nossas cogitações entendem esse comentário como o diálogo do escritor com o autor do texto impresso, a intertextualidade em que os propósitos nem sempre são claros, pedindo, em vários casos, desvendamento, em uma espécie de arqueologia instrumentada pelo conhecimento da obra (publicada e manuscritos), bem como dos caminhos de Mário de Andrade. O afã de escrever no topo e no pé de páginas, nas entrelinhas, nos espaços e nas folhas brancas de livros e revistas, de grifar, riscar traços ou X à margem de trechos leva-nos a testemunhar o gesto do instante, marcando o impulso de reter, comungar, dentro de um propósito vago, e a perceber as visitas várias ao volume, cujas pegadas estão em procedimentos genéticos mais apurados, como o registro de um *insight*, possível primeiro instante de um novo texto, ou planos, esboços e mesmo rascunhos de trechos que se soltarão em versões independentes do espaço alheio. E, quando, após as anotações de margem, o escritor, principalmente trabalhando como crítico, passa a utilizar folhas avulsas e agregá-las ao volume, em processos da escritura que vão de simples notas a versões de artigos (como “Pau Brasil de Oswald de Andrade” datiloscrito posto entre as páginas do livro homônimo) e mesmo cartas (cópias de cartas, como no caso da que endereçou a Otávio de Faria, analisando *Mundos mortos*), torna-se clara, no ato de confiar ao “interlocutor” a guarda de um trabalho, a dificuldade de romper os laços ou o desejo fixar uma nova dimensão ao livro. Então, o livro anotado torna-se um tecido histórico em que convivem sucessivos momentos do passado que se presentificam em relações que nossa análise deve descobrir no manuscrito, dependendo, também, das condições do nosso próprio presente de pesquisadores. Além disso, como o processo criador de Mário alimenta-se, ao longo dos anos, com intervalos ou não, de textos alheios, deixando rastros nas margens deles, inúmeras vezes indicados em notas prévias no dossiê dos manuscritos, torna-se

possível datar várias instâncias de diálogos, avaliar medidas da transcrição, ou perceber a metodologia do trabalho do teórico, do crítico e do pesquisador. Não posso, infelizmente, alongar-me em exemplos. Basta lembrar que, na marginália de Mário, vêem-se ainda poemas dele em páginas brancas, nascidos em pausas de sua leitura.

Primeiras análises das notas marginais de Mário de Andrade como procedimentos da escritura podem ser encontradas nos artigos “Matrizes/Marginália/Manuscritos” de minha autoria, 1991, e “O manuscrito do leitor Mário de Andrade”, trabalho das estagiárias Beatriz Cristino e Rosana Fumie Tokimatsu, de 1997.

O estudo da marginália prolonga-se no estudo da composição e das funções da biblioteca de Mário de Andrade, entendendo-a como uma biblioteca de escritor, onde devem ser procurados documentos ligados a seu artefazer, à sua criação literária. Ali se vêem, com a chancela ou não do lápis ou da caneta, seus interesses principais demarcados por títulos na áreas de literatura (brasileira e estrangeira – francesa, inglesa, alemã, latino-americana), a mais volumosa, artes plásticas, música, folclore, etnografia, filosofia, psicanálise, geografia, história, sobretudo no que tange ao século XX. Estão todas as principais revistas do modernismo brasileiro e várias do estrangeiro. Certos títulos e interesses conduzem, de modo evidentemente sutil, sintonias, afinidades que desenham temas e constantes. Na biblioteca de Mário pode-se ler uma biografia no esforço do professor e jornalista de poucos recursos financeiros em atender o erudito que requeria livros de arte ou de etnografia, dispendiosos, e o colecionador que amava edições de luxo e livros raros. Essa biografia move-se nas dedicatórias trazendo a vida literária, os amigos escritores do mesmo naipe ou os estreantes; nas traduções de palavras espelhando a luta na leitura de textos em alemão.

Tanto o estudo da marginália como o da biblioteca recebem da correspondência do escritor – ativa e passiva –, de sua produção de jornalista e de menções na sua ficção ou poesia, importantes subsídios. A biblioteca, na funcionalidade do acervo, liga-se ao conjunto documental presente no arquivo, faturas de livrarias, apto a explicar datas e circunstâncias de encomendas e determinadas aquisições.

Nossa pesquisa, considerando a biblioteca de Mário de Andrade uma biblioteca de escritor, empenha-se em mostrá-la, enfim, como seara de influências e de matrizes, estas muitas vezes não acusadas pelas notas marginais, mas indicadas em manuscritos, como no caso de "Cântico" de *A costela do Grã Cão*, de 1933. Ali, após a versão autógrafa rasurada, esboça-se a proposta de uma série de poemas que deveria buscar, no tema e na estrutura, a poesia oral dos maoris e de outros povos, coletada por Paul Radin em *Primitive man as a philosopher*. O plano daria origem, em 1944, à obra *Lira paulistana*.

Quanto à nossa segunda frente, a dos manuscritos literários, o trabalho que está sendo realizado renova a classificação arquivística dos documentos, na medida em que, apoiado na codicologia e na crítica genética, inclui, na análise material, o estatuto genético e que, na medida do possível, restaura percursos da criação. Mário de Andrade, apesar de defensor cotidiano da memória e ativista na salvaguarda de bens culturais – e seu acervo é prova cabal dessa postura – costumava apagar o passado dos textos que via publicados. Dessa forma, em seu arquivo, conservam-se, com raras exceções, apenas manuscritos de textos inéditos, vale dizer, versões completas que não receberam sua chancela final para publicação e textos inacabados. A organização arquivística, no caso das versões completas, ordenadas pelo autor, respeita a ordem original e a consigna na análise material. A classificação genética a complementa, desvendando, nas notas prévias, versões, rasuras e camadas da escritura, na letra, na tinta, nos lápis, na datilografia, nos papéis, filigranas etc., o percurso da criação. Ambas as classificações acompanham os manuscritos, dando aos consulentes, no IEB, dimensões do processo criador nos paratextos e prototextos. Ex.: *O turista aprendiz* classificado por Tatiana Longo dos Santos. Desejamos, ao final do projeto, compor um catálogo. O banco criado para a primeira classificação tem servido ao trabalho em outros arquivos.

A terceira linha de pesquisa contempla também os manuscritos na medida em que, em projetos atualmente visando ao mestrado, traz o preparo de edições genéticas. Já ofereceu, em 1994, a edição genética da narrativa *Balança, Trombeta e Battelship*, da qual me encarreguei. As edições genéticas em pauta estão sob a responsa-

bilidade de Cristiane Yamada Camara e Tatiana Maria Longo dos Santos. A primeira é de contos de Mário de Andrade publicados na imprensa, possuidores de notas prévias, versões em autógrafo e datiloscrito, curiosamente subseqüentes a versões impressas em jornal em que, no recorte, as rasuras reescrevem o texto. Nas notas e versões, a observação da gênese funde-se à observação de procedimentos de cunho estrutural e estilístico, que se referem, sobretudo, ao desejo do escritor de pôr a circunstância, sua atualidade ou o presente no tempo e no espaço, a serviço de uma construção que privilegia a psicologia das personagens. Esse procedimento logra, assim, ultrapassar as circunstâncias sem as anular; consegue trazer a contingência brasileira e ganhar uma amplitude humana sem fronteiras. O estudo das versões e das rasuras detém-se, por exemplo, em uma escritura feita de avanços vertiginosos em versões que trabalham aquela que o jornal estampou, prenhes de rasuras, vindas de paradas longas que decantam soluções, apuram a trama em supressões de seqüências e têm, na substituição, o mecanismo superador da ficção datada. Assim, um primeiro conto, em 1932, na versão intitulada "O fugitivo", explora a marginalidade do homem mutilado que se esconde e se esgueira na cidade grande. Ao se tornar um segundo, outro, a nova versão mostrará, no novo título, "Nelson", apelativo que só aí é declinado, e em substituições que reforçam a estranheza do protagonista e embaçam a cor regionalista, a percepção do escritor de um caminho mais moderno nas linhas do insólito. Assim, o nome do herói de Trafalgar, visto unicamente no último título, desenhará melhor o isolamento desta personagem brasileira misteriosa.

A segunda edição genética, pesquisa de Tatiana Longo dos Santos, contando com uma profusão de notas e uma versão abandonada de *Café*, deverá não só reconstituir itinerários da escrita, mas focalizar a invenção ficcional que se apóia em fatos da história do Brasil nas décadas de 20 e 30.

Nosso trabalho com manuscritos organizou a Correspondência de Mário de Andrade, de 7.690 documentos. Projeto terminado em 1997, interessa aqui somente como base da Coleção Correspondência de Mário de Andrade e da pesquisa dos Arquivos da criação que ela contém. O projeto editorial da Correspondência,

estruturado pela Equipe, objetiva-se na parceria IEB – Editora da Universidade de São Paulo. Compõe-se, até o momento, de 11 títulos, 10 em preparo e 1 no prelo. Este, reunindo a correspondência recíproca Mário de Andrade/Manuel Bandeira, é o parâmetro da coleção que visa à edição fidedigna e anotada. Mestrado de Marcos Antonio de Moraes, a edição busca não apenas contextualizar a matéria das cartas no período a que pertencem, mas, construir, por meio das “belles-notes”, uma história do modernismo brasileiro, expondo caminhos e projetos de dois escritores, trazendo à tona figuras esquecidas e analisando textos. Nesse sentido, foi de enorme proveito o diálogo que Marcos manteve com a Equipe Zola, nos dois estágios que fez no ITEM. A Coleção descartou a possibilidade da edição diplomática, sabendo que a correspondência de Mário atrai um público amplo. Preferiu adotar a atualização ortográfica e oferecer, além das notas, a análise material de cada manuscrito, ao final de cada texto, alargando assim o escopo didático.

Antecedendo a Coleção, uma coletânea de cartões-postais e textos de crítica literária bem como de estética, da autoria de Mário de Andrade, classificados no projeto que organiza os manuscritos do escritor, foram objeto de edições fidedignas e anotadas, na Editora Giordano e na série Mariodeandradiando da Hucitec.

Paralelamente a esse trabalho de equipe, a coordenadora vem, desde 1987, colaborando na Coleção Archivos da Association Archives de la Littérature Latino-américaine, africaine et des Caraïbes, ONG da UNESCO. Assinou a edição crítica de *Macunaíma* e dialoga com coordenadores e preparadores de outros textos, em seu trabalho no convênio IEB-ALLCA. Ponto central desse diálogo é a análise das etapas e versões de manuscritos nos rumos da crítica genética.

Nossa última frente, os Arquivos da criação na Correspondência de Mário de Andrade, passiva e ativa, abre novas perspectivas, em termos de Brasil. O pôster que apresentamos aqui, no II Congresso, dá conta de focos principais na pesquisa que explora a carta como manuscrito. Nossas reflexões têm detectado, no espaço da interlocução epistolar, uma tipologia que ainda não está completa. Ela diz respeito à eclosão da criação literária, plástica e musical no

espaço da carta, a etapas na construção de poemas e romances, quadros ou peças musicais, isto é, a planos, resumos, esquemas; à recuperação de versões desconhecidas, ao testemunho sobre projetos abandonados; à acolhida da linguagem do artista plástico e do músico, a quem as palavras não satisfazem; à troca de linguagem, aproveitando o espaço de liberdade na conversa sem interlocutor visível, quando o pintor escreve poesia e o poeta faz desenhos. A presença da correspondência passiva amplia a matéria da criação em nomes de relevo na literatura, nas artes plásticas e na música, como Bandeira, Drummond, Oswald de Andrade, Henriqueta Lisboa, Tarsila, Anita e Cícero Dias, Mignone e Guarnieri. A continuação do trabalho poderá colocar, por exemplo, um poema de Henriqueta, preso a uma carta, nas seqüências de versões independentes.

O Acordo Bilateral CNPq-CNRS, que convalida o intercâmbio Associação dos Pesquisadores do Manuscrito Literário, IEB e FFLCH da USP e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tem sido de grande valor para professores e jovens pesquisadores brasileiros. Os projetos vigentes na Equipe Mário de Andrade, firmando bases práticas e teóricas decisivas para a formação desses jovens pesquisadores, vêm, por meio da interlocução direta com equipes e pesquisadores do ITEM e de cursos e conferências ministrados no Brasil, recebendo subsídios fundamentais. Além disso, o acordo proporciona, aos brasileiros, durante a permanência deles no ITEM, a oportunidade de discutir seus trabalhos com os colegas franceses. Esperamos renovar o Acordo em 1999.